



A Grande-reportagem como solução na relação entre Jornalismo e Manifestações Culturais Populares¹

Marcos de Castro ARANHA²

Junerlei Dias MORAES³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão

Resumo

A abordagem das Manifestações Culturais Populares através do Jornalismo é analisada neste trabalho, que traça uma relação entre a rotina de trabalho jornalístico e demanda do mercado, com a transformação do produto jornalístico em objeto de entretenimento. Por fim, aponta-se a grande-reportagem como alternativa para legitimar o trabalho jornalístico como uma importante forma de conhecimento.

Palavras-chave

Jornalismo; Grande Reportagem; Manifestações Culturais Populares; Formas de Conhecimento.

Introdução

Ainda que os Meios de Comunicação de Massa tenham sofrido um duro golpe com a popularização da internet, dentre outras tecnologias mais interativas que a Televisão e o Rádio, como a Telefonia Móvel, e a Televisão a Cabo, a força que os *mass media* possuem sobre a opinião pública ainda é inquestionável.

Na verdade, os grandes grupos de comunicação inserem-se nesse contexto das novas tecnologias, de forma a tentar sufocar a interatividade propiciada por estas últimas. Os grandes portais de notícias põem em xeque a imagem que se criou da rede, como espaço democrático de divulgação de idéias.

¹ Trabalho apresentado na sessão Jornalismo e Editoração, do Intercom Jr, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno do 8º período de Comunicação Social habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), email: aranhamarcos@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor dos Cursos de Comunicação Social e Desenho Industrial da UFMA, email: jdmsaletti@hotmail.com.



Parece correto procurar formas de utilizar este poder dos *mass media* de modo que contribua de alguma forma para o processo de educação da comunidade para a qual são voltados, e não seja apenas mais um vício imposto para esta, tampouco uma forma de legitimar a opressão das classes dominantes para o povo miserável, que vive e morre prostrado na frente de uma televisão.

O jornalismo nos grandes grupos de comunicação pauta assuntos guiados antes de tudo, pelas forças políticas às quais estão atrelados, enquanto os jornalistas inseridos neste segmento de mercado de trabalho, de modo geral, prendem-se a fontes oficiais como assessorias de imprensa e secretarias de comunicação, por falta de tempo ou de disposição.

Contudo, não cabe somente aos veículos midiáticos revolucionar os critérios de interpretação dos leitores/espectadores. O objetivo aqui é pensar um produto jornalístico que seja claro, sem ser óbvio, e que não leve o leitor a conclusões pré-concebidas pelo veículo a respeito do tema. Esta tarefa não é fácil de ser atingida e o paradigma da objetividade no jornalismo é constantemente criticado.

Para chegarmos a esse objetivo, é preciso que exista um bom entendimento do jornalista e do meio onde ele trabalha sobre a cultura, como se processam as Manifestações Culturais Populares e como os meios de comunicação de massa podem mudar sua dinâmica.

Como o mercado interfere no Jornalismo?

O texto jornalístico é um produto comercial, por isso seu conteúdo não escapa da intervenção, quase sempre empobrecedora, da relação entre demanda e oferta. Essa influência pode ser percebida em diversas etapas do laboro jornalístico. Na rotina apressada das redações se busca ‘traduzir’ política, arte, economia, culinária, botânica e o que quer que seja para uma linguagem abrangente, que será difundida por uma empresa de comunicação de massa (jornal, televisão, revista, rádio).

O problema é que, em detrimento do produto jornalístico, a lei da oferta e da procura parece fazer com que, muitas vezes, ao invés de uma tradução dos fatos, ocorra uma descaracterização deste último. O que é um paradoxo, já que além da rotina de trabalho



do jornalista, os próprios critérios do jornalismo fazem este não cumprir sua meta (ou ao menos dificultam esse cumprimento). Dentre esses critérios de noticiabilidade podemos citar a novidade, o interesse público, o inusitado.

Esses pilares parecem circunscrever o conteúdo de um texto jornalístico de forma que deixa oculta a essência do acontecimento. Um movimento artístico não pode ser descrito por eventos, datas ou excentricidades, assim como uma mudança econômica, na maioria das vezes, não se revela pela esfera privada de seus atores. Parece óbvio, mas é freqüente ver aberrações nesses moldes, nos periódicos impressos e audiovisuais, em nome da demanda.

Outro desdobramento negativo do jornalismo é a forma de apresentação, ou redação, das informações obtidas. Tal fato põe em xeque sua condição de forma de conhecimento: seja na famigerada pirâmide invertida do jornalismo diário, seja na freqüente busca pelo bizarro, o objeto acaba se distanciando do observador.

Seria uma pretensão inocente fazer-se de intérprete e interlocutor fiel de diferentes formas de cultura. Seria, mas não é, porque é uma pretensão vilã. Esta auto-definição dos meios de comunicação de massa, como instituições informadoras e fidedignas, é a égide de um mercado que não vende o que anuncia.

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios.⁴

As distorções inerentes ao processo de interpretação e interlocução de qualquer assunto não deveriam ser sinistramente escondidas pelos veículos de comunicação como são, nem tão pouco menosprezadas pelo juízo dos jornalistas, sob pena de derrubar o texto jornalístico da esfera das formas de conhecimento para o rol dos produtos de entretenimento.

⁴MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?**. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html. Acesso em: 20 abr. 2008.



O problema é quando (as técnicas narrativas e dramáticas dos jornalistas) passam a ser utilizadas em função de objetivos que não os cognitivos, como a luta comercial por audiência e o esforço político de persuasão. No cotidiano do jornalismo praticado em nossas sociedades, é muito difícil distinguir entre estes três tipos de objetivo.⁵

Como produto de entretenimento, o produto da indústria de informação parece estar totalmente desligado do feliz conceito de jornalismo apresentado por Beltrão: “(...) o jornalismo ‘tem por objetivo informar e orientar a opinião, censurar e sancionar as ações públicas dos habitantes de uma região e divulgar a cultura entre a população de um país’⁶”

Cultura e Manifestações Culturais Populares

A palavra cultura vem do verbo latino *colere*, que significa o cuidado com a terra e com os animais, além da adoração aos deuses, vindo a originar também o vocábulo “culto”, quando este se refere a um ritual religioso.

Em sentido amplo, Cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia. Em sentido restrito, isto é, articulada a divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe.⁷

Segundo Chauí⁸, para alguns pensadores iluministas, entre eles Voltaire e Kant, Cultura seria a medida de uma civilização, meio para avaliar seu grau de desenvolvimento e progresso.

Aqui, Cultura (...) é o desenvolvimento autônomo da Razão na compreensão dos homens, da Natureza e da sociedade para criar uma ordem superior (civilizada) contra a ignorância e a superstição. Tornando-se o *metron*, Cultura permite avaliar, comparar e classificar civilizações.⁹

Esta visão hierárquica de Cultura como uma medida de desenvolvimento das Civilizações leva aos conceitos de Cultura Popular e Cultura Dominante. Nesse sentido, pode-se observar que as manifestações da primeira vem sendo cada vez mais influenciadas pelos interesses econômicos e políticos da última.

⁵ BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo.**

⁶ BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo.**

⁷ CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência.** p. 14.

⁸ CHAUÍ, p. 12

⁹ CHAUÍ, p. 13



A evolução das festas tradicionais, da produção e venda de artesanato revela que essas não são mais tarefas exclusivas dos grupos étnicos, nem sequer de setores camponeses mais amplos, nem mesmo da oligarquia agrária; intervêm também em sua organização os ministérios da cultura e de comércio, as fundações privadas, as empresas de bebidas, a rádio e a televisão.¹⁰

Portanto, é impossível pensar na Cultura Popular sem levar em conta a influência da Cultura Dominante. Um exemplo claro dessa influência é o sincretismo observado nas religiões afro-brasileiras envolvendo o catolicismo e as religiões africanas. Representar as entidades africanas através de santos católicos foi a forma encontrada pelos negros escravizados de manter viva sua crença. Hoje o Candomblé e a Umbanda são considerados religiões da Cultura Popular, mas é clara a interferência da Cultura Dominante sobre esta.

Desde o Período Imperial a cultura dominante no Brasil, luso-católica, interfere na cultura dos povos oprimidos, em especial os africanos escravizados, como podemos ver no quinto artigo da Constituição de 1824: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior de tempo.”

Em todo o país é fácil encontrar Igrejas Católicas, templos de diversas religiões protestantes, e até mesmo mesquitas e sinagogas. No entanto, os lugares onde acontecem os cultos das religiões afro-brasileiras são os próprios domicílios das mães-de-santo. Com exceção dos lugares mais renomados junto às classes dominantes, é impossível distinguir um terreiro de candomblé, umbanda ou qualquer outra religião afro-descendente de uma simples residência, senão pelo rufar dos tambores durante os rituais. Além disso, os lugares em que se praticam religiões afro-descendentes quase sempre se denominam como ‘casas’, a exemplo da Casa de Nagô, Casa de Mina, Casa Fanti-Ashanti¹¹, etc. O que parece ser mais uma evidência de que as religiões afro-descendentes, assim como as demais manifestações culturais populares, não são formadas apenas pela cultura dos oprimidos, mas também por imposições culturais instituídas pela cultura dominante.

¹⁰ CANCLINI. Folclore e Cultura Popular. In: FERRETI, Sérgio. **Olhar, Memória e Reflexões sobre a gente do Maranhão**. p. 31.

¹¹ Terreiros de Mina da cidade de São Luís, Maranhão.



“É possível imaginar a cultura como um conjunto variado de modos de fazer e proceder (rituais) que se deve compreender em função das diversas situações, e consoante as exigências colocadas pelas varias estratégias nas relações sociais concretas.”¹², lembra Chauí. Neste contexto, entendemos Manifestações Culturais Populares como formas de representação da cultura do povo (cultura dos marginalizados), tais como rituais, celebrações, danças, teatros, etc, que são resultantes das construções simbólicas feitas em conjunto pelos sujeitos representantes destas manifestações.

O Jornalismo no repasse das Manifestações Culturais Populares

É senso comum – este fortalecido pelas indústrias midiática e de turismo - que a documentação da cultura oral é benéfica, pois seria uma forma de preservá-la de uma maneira mais resistente que a frágil comunicação oral. Também podemos considerar esta documentação uma forma de fortalecer a existência dessas manifestações, e mesmo garantir a sobrevivência delas no futuro. Segue trecho de uma entrevista pela internet com o professor Junerlei Dias Moraes¹³:

Lembrei da Odisséia, e que se o Homero não escrevesse (a obra) ia se perder, posto que é uma narrativa tetra antiga. Antecede o nascimento do Homero em pelo menos 1000 anos. Para além disso, as origens de Narciso, Dionísio, Apolo, Laio e Édipo têm três ou quatro versões, devido justamente à dinâmica da cultura oral. Assim, sabemos dessas origens e desses mitos por causa da escrita.”

Por outro lado, seria negligente não levar em conta, com o mesmo cuidado, as possíveis implicações negativas que tais documentações textuais podem trazer às manifestações culturais predominantemente orais. Pode-se supor, dentre tais implicações, a perda da dinâmica da manifestação ou a sua má interpretação. Cito um texto de Cezar Costa Vitorino¹⁴, intitulado “Etnolingüística: um breve comentário”, para enriquecer essas reflexões:

¹² CHAUI, p. 14.

¹³ Junerlei Dias Moraes é professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão.

¹⁴ César Costa Vitorino é Professor da Universidade do Estado da Bahia UNEB/Campus I Salvador Professor da Unibahia Mestre em Letras; UFBA Doutorando em Linguística; UNICAMP 2.



É muito difícil chegar a uma correta compreensão das duas formas da prosa primitiva, visto que a maior parte do material disponível foi registrado em língua européia apenas, o que torna impossível a exatidão da versão. Na maior parte dos registros, há uma tentativa óbvia de se adotar o estilo literário europeu. Mesmo quando o material está disponível na língua nativa, pode-se presumir que, ao menos na maioria dos casos, não é alcançado o padrão da narrativa nativa.

A melhor aproximação da arte da narrativa dos povos primitivos é provavelmente encontrada quando nativos instruídos escrevem textos ou em registros de missionários que, em longos anos de contato pessoal com determinado povo, adquirem controle completo da língua e transmitem apenas o que ouviram.”

A problemática descrita por Cezar Costa Vitorino parece ter semelhanças com a da produção de um livro-reportagem sobre manifestações culturais repassadas de forma predominantemente oral.

Como vimos, a cultura popular não é algo estanque, dissociado de outras culturas, e, em face disto, está em constante mutação. O conceito jornalístico de objetividade parece ser um entrave, e não uma ferramenta para documentar e comunicar uma Manifestação Cultural para quem quer que seja. Então, como fazer um texto jornalístico sem macular as manifestações populares? Como já foi dito, isso é impossível, pois sempre haverá distorções e interpretações equivocadas quando se documenta uma cultura diferente da que se está inserido.

No entanto, existem formas de abordar as manifestações culturais e documentá-las em produtos jornalísticos que minimizam tais problemas. E essas formas já são pensadas há muito tempo na esfera de conhecimento da Literatura. Por exemplo, o escritor gaúcho João Simão Lopes Neto (1865-1916) percebeu que grande parte da literatura, acentuadamente nos livros do escritor José de Alencar (1829-1877), a fala do narrador era marcadamente diferente da fala das personagens.

Uma reportagem sobre Manifestações Culturais Populares não pode e, sobretudo, não deve perpetuar as distâncias entre retratados e retratistas. Se essa distância já detectada por João Simão Lopes Neto é sempre grande, muito fácil perceber que é maior ainda quando se trata da relação entre pesquisadores/estudiosos/jornalistas e sujeitos constituintes de uma determinada manifestação cultural popular. Se naqueles a linguagem verbal elaborada é superdimensionada, nestes ela se expressa de forma



diferenciada, alicerçada pelas vivências orais e não seguindo o rigor da linguagem escrita/culta. Ora, essa distinção é o que vemos com frequência em reportagens, entrevistas e mesmo notícias diárias sobre Manifestações Culturais Populares.

(...) fui construindo a percepção de que o jornalismo convencional, em vez de penetrar na realidade, trata de legitimar a diferença, a exclusão e o privilégio. Numa refinada operação ideológica reforça preconceitos e estereótipos. Caberia, assim, a uma outra prática jornalística, resgatar a legitimidade dos diversos falares existentes em nosso país.¹⁵

É facilmente perceptível que a linguagem jornalística também não obedece a linguagem científica e isso é ponto pacífico, basta observarmos as regras de clareza, (às vezes excessiva ao ponto de se acercarem do óbvio) do jornalismo. Os jornalistas buscam traduzir a linguagem esotérica, oculta, opaca e, portanto, para iniciados, transformando-a em linguagem exotérica, transparente, clara para iniciantes e leigos. Onde lê-se linguagem esotérica, leia-se linguagem científica e onde lê-se linguagem exotérica, leia-se linguagem jornalística.

A pretensão do jornalista deve ser deixar a voz do dono com o dono da voz, como já dito, aproximar retratados e retratistas, e assim, recolocar o jornalista na posição de intermediador, de agente da interface entre o que se diz, quem diz e o público leitor.

O que define a crise hoje, pois há todas essas bobagens? Vejo a crise hoje ligada a três coisas, mas ela não durará, sou muito otimista, o que define um período de deserto é, primeiramente, que os jornalistas conquistaram a forma-livro. Eles sempre escreveram, acho bom que escrevam. Mas quando começaram a escrever livros, eles se deram conta de que passavam a outra forma, que não era a mesma coisa que escrever seu artigo.¹⁶

Portanto, a solução mais pertinente encontrada para tratar de cultura popular no jornalismo é tentar diminuir ao máximo o grau de interferência do veículo de comunicação e do jornalista (ou ruído), entre o fato documentado e o leitor, dando ao jornalista o papel de mediador contido entre as duas partes.

¹⁵ CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

¹⁶ PARNETT, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Editora Gradiva, Portugal 2003.



Então, qual o gênero jornalístico mais adequado para buscar a essa verossimilhança entre a Manifestação Popular documentada e a Documentação Jornalística em si? Uma resposta pertinente se apresenta na tese de Doutorado de Alex Criado, como vemos:

(...) a grande-reportagem é o espaço privilegiado para a incorporação dos diversos modos de falar. Se a grande-reportagem tem a ambição de aprofundar um tema, lançar uma luz sobre um fenômeno, desvendar uma realidade, ela é o gênero jornalístico por excelência para que aflorem as maneiras de falar de setores excluídos econômica e culturalmente.¹⁷

Partindo desse pressuposto, as grandes-reportagens seriam um celeiro adequado para a documentação jornalística de Manifestações Culturais Populares, já que escapam das armadilhas que o Jornalismo Diário impõe ao tratamento dessas manifestações. As hipóteses levantadas por CRIADO podem ser consideradas linhas norteadoras para um jornalismo que busque esse objetivo, de dar a voz aos seus donos:

A incorporação da oralidade no texto jornalístico é fundamental para a construção da identidade dos protagonistas, um dos pilares de um jornalismo humanizado e revelador do real. Entretanto, o registro puro e simples da maneira de falar dos personagens pode levar à estigmatização dos mesmos. Esse impasse pode ser superado se a reportagem conseguir construir os personagens de maneira integral. A questão está, portanto, em saber o que é a integralidade desses personagens. Talvez não haja respostas prontas, mas um caminho possível é permitir que os personagens apareçam na grande-reportagem em suas várias dimensões, sobretudo, no que se refere ao imaginário.¹⁸

¹⁷ CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

¹⁸ CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.



REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. Brasília: Editora Brasiliense, 1986.

CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERRETI, Sérgio. **Olhar, Memória e Reflexões sobre a gente do Maranhão**.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?**. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html. Acesso em: 20 abr. 2008.

PARNETT, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Editora Gradiva, Portugal 2003.

SERQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

VITORINO, Cezar Costa. **Etnolingüística, um breve Comentário**. Disponível em: <http://www.uneb.br/seara/artigos/Etnolingustica.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2008.